

## Reflexões sobre o biopoder em Belém<sup>1</sup>

**Felipe Sampaio de Freitas**

Doutorando em Psicologia Social pelo PPGP/UFPA  
(orientadora: Professora Doutora Flávia C. S. Lemos).

Mestre em Filosofia pelo PPGFIL-UFPA.

Licenciado em filosofia pela FAFIL-UFPA.

Integrante do “Ciclo Filosófico de Belém”.

E-mail: [felipesampaiodefreitas@gmail.com](mailto:felipesampaiodefreitas@gmail.com)

**Resumo:** As pesquisas sobre biopoder e biopolítica, cada vez mais, emergem e sobrevoam altitudes nunca antes vistas. A ressignificação destes termos, por parte de Michel Foucault, denota campos de saberes mútuos, ou, no mínimo, se apresentam sob diversas discussões de níveis acadêmicos variados. Deste modo, o intuito deste artigo é utilizar o aparato conceitual foucaultiano a respeito do biopoder e da biopolítica para analisarmos alguns fatos que acontecem na cidade de Belém do Pará. Para isso, elucidaremos o termo da obra de Foucault, respondendo a 3 questões básicas: 1ª- *O que é o biopoder?* 2ª- *Por que pensar o biopoder hoje?* 3ª- *Como a reflexão teórica do biopoder pode nos proporcionar um entendimento ou análise de mundo?* Esperamos que a discussão suscite novos debates a nível local, pelo Brasil.

**Palavras-chave:** Biopoder, Biopolítica, Poder Soberano, Violência, Belém.

**Résumé:** Les recherches sur le biopouvoir et la biopolitique émergent, toujours plus, et survolent des altitudes jamais vues. La résinification de ces termes, effectuée par Michel Foucault, dénote des domaines de savoirs mutuelle, ou, au moins, ils sont présentés sous une variété de discussions de niveaux académiques. Ainsi, l'objectif de cet article est d'utiliser l'appareil

---

<sup>1</sup> Este texto é uma reelaboração da comunicação apresentada por mim no evento “Dissonância cognitiva e a crise da contemporaneidade”, organizado pelo “Ciclo Filosófico de Belém”, em parceria com a *Foxvideo* Café e Livraria, nos dias 9 e 10 de março de 2019.

conceptuel foucauldien (biopouvoir et biopolitique) pour analyser quelques faits qui se produisent dans la ville de Belém do Pará, en répondant 3 questions basiques : 1ère- *Qu'est-ce que le biopouvoir ?* 2ème - *Pourquoi penser le biopouvoir aujourd'hui ?* 3ème - *Comment la réflexion théorique du biopouvoir peut-elle nous fournir une compréhension ou une analyse du monde ?* Nous espérons que la discussion suscitera de nouveaux débats au niveau local, dans le Brésil.

**Mots-clés:** Biopouvoir, Biopolitique, Pouvoir Souverain, Violence, Belém.

## Introdução

Pesquisar este termo hoje –“biopoder” (*biopouvoir*) – nos remete indiscutivelmente ao âmbito da Universidade, pois esta figura como local “base” para tal discussão. Isto quer dizer, infelizmente, que tais debates concentram no meio acadêmico, quase que especificamente nos meandros da filosofia ou das ciências humanas e sociais aplicadas. Outra questão indiscutível é que depois da década de setenta o biopoder é um assunto que geralmente irá nos remeter à obra de um filósofo muito famoso, o francês Michel Foucault. Pois bem, de acordo com o objeto deste número –“Filosofia e Ativismo” – entendemos que a discussão sobre biopoder não só é válida, como carrega um grau de importância sumária para este tema, devido a caracterização que Foucault entrega ao biopoder (aquilo que se incube da vida) exigir modos de “resistência” que traduzem-se por “estratégias de luta” (FOUCAULT, 1994, p. 407), para se antepor à normalização e ao assujeitamento advindos daquele, além de se configurar como atitude crítica. Em suma, “resistir” é uma “atitude crítica”. (SABOT, 2013, p. 13).

Apesar de não ser nossa intenção, neste momento, promover um itinerário histórico deste assunto e, tampouco, questionarmos seu *status* filosófico, bem como, mapeá-lo, catalogá-lo, ou, recrudescê-lo, esboçaremos aqui uma breve análise, onde o que importa é mobilizá-lo como *dispositivo*<sup>2</sup>, da mesma forma como se usa uma “caixa de ferramentas”, em que cada peça desempenha uma devida função: a análise do biopoder, da maneira como será exposta, deverá se caracterizar como um ponto de apoio para diversos eventos que nos circundam. Tentaremos dar conta desta tarefa por meio de três questões fundamentais: 1ª- *O que é o biopoder?* 2ª- *Por que pensar o biopoder hoje?* 3ª- *Como a reflexão teórica do biopoder pode nos proporcionar um entendimento ou análise de mundo?* (Em específico, a de nossa cidade, Belém do Pará). Com este horizonte, iniciaremos, assim, esta discussão.

## O que é o biopoder?

Paradoxalmente, este nome é bastante claro para alguns e deveras desconhecido para outros. Além disso, denota uma mutualidade de assuntos, abrindo espaço para diversas discussões. Está envolvido nos mais diversos ramos, dos mais variados tipos de saberes contemporâneos. Responderíamos a seguinte questão – “o que é o biopoder?” – de forma sucinta e rápida: o

---

<sup>2</sup> “Por esse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos.” (FOUCAULT, 2015e, p. 364)

biopoder é um tipo de poder moderno que atua sobre a vida e, também, sobre a morte. (FOUCAULT, 1997, p. 214; 2010, p. 202; CASTRO, 2009, p. 57).

Esta prerrogativa se desenvolve no âmbito da passagem histórica que ocorre no seio da noção própria de *poder* na teoria política moderna: aquela que se apresenta desde meados do século XVII/XVIII e que já era discutida na teoria do direito por juristas que atentavam para este tema, qual seja, o do direito sobre a vida e morte. É relevante o entendimento de que tal prerrogativa se modificou com o passar dos séculos – especificamente, os que virão após o XVIII – com o avanço do capitalismo. Podemos dizer ainda: com o advento deste último modelo econômico, antecedido pelo mercantilismo, houvera uma nova guinada a respeito dos estudos sobre o *poder*. (GROS, 2017, p. 74-76) Este diagnóstico nos é dado por Foucault em vários de seus cursos e obras. No entanto, para esta ocasião gostaríamos de mencionar apenas dois: a parte final da obra famosa *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, e o curso dado ao *Collège de France, Em defesa da sociedade*.

Esta noção – de direito sobre a vida e a morte – primeiramente esteve compartimentada no pensamento de grandes “medalhões” da teoria política moderna. Dentre eles, um muito conhecido: o inglês Thomas Hobbes. Grosso modo, em sua obra clássica, *O Leviatã*, Hobbes pensa um caráter *substancial* do poder. Ou seja, principalmente o poder do rei, do soberano ou Estado, diríamos ainda “sua manifestação”. (FOUCAULT, 2015a, p. 145-148) Essa substancialidade, *ipsis litteris*, é a materialidade, e um dos pontos fortes da teoria hobbesiana sobre o poder, quiçá seu ponto fulcral. Através desta noção entende-se, por exemplo, que o poder é como um “objeto” e, desta maneira, sendo “coisificado”, é também posto nas mãos de alguém (o rei), ou

representado através da figura de alguma instituição como a do Estado (lembramos, por exemplo, da emblemática metáfora do Estado *leviatã*: aquele repleto de olhos, repleto de tentáculos, que toma posse de tudo e todos). No mais, tende-se a pensar que uns são detentores do poder em detrimento a outros que, por conseguinte, não o detém. (FOUCAULT, 1975, p. 31, 32; 2013, p. 29, 30).

Tal detenção de poder por parte do rei, ou de suas possíveis representações, definidamente remonta, de forma célere, ao “poder de matar”. (FOUCAULT, 2015a, p. 145, 146) Não só matar, mas “dispor da vida”. Ora, lembramos que o rei detém um território e que, por sua vez, manter seus limites contra possíveis invasores, ou, em períodos de guerra, requer dispor da vida de seus súditos: a célebre relação entre suserano e vassalo. É uma “relação de posse”. É um *privilegio* do soberano. Algo que deriva diretamente da noção de *patria potestas* que, nos limiares da história do direito romano, resumia que a figura do *pater* tem total propriedade sobre a vida de seus filhos, bem como, de seus escravos: se o mesmo tinha lhes dado a vida, poderia muito bem retirá-la. (FOUCAULT, 2015a, p. 145-147).

De forma elucidativa, Foucault nos mostra que o soberano:

Pode, então, legitimamente, entrar em guerra e pedir a seus súditos que tomem parte na defesa do Estado; sem “se propor diretamente à sua morte” é-lhe lícito “expor-lhes a vida”: nesse sentido, exerce sobre eles um direito “indireto” de vida e morte. Mas se foi um deles quem se levantou contra ele e infringiu suas leis, então pode exercer um poder direto sobre sua vida: matá-lo a título de castigo. (FOUCAULT, 2015a, p. 145).

No entanto, com o avanço do capitalismo é possível averiguarmos uma mudança explícita na maneira como o poder se desenvolve, e, ainda, da noção de acumulação de riqueza: antes o poder era algo relacionado a um objeto que alguém detinha próximo de si; agora torna-se uma “relação de tensão”, ou, de um “enfrentamento belicoso de forças”. (BERT, 2013, p. 104). Se, todavia, a riqueza antes era a terra, agora, serão as relações de produção—dentro das fábricas — e a detenção da moeda, que regerão esta nova configuração econômica. É claro que ainda estamos falando de forma superficial. Há muito mais nos entremeios disso. São noções e mais noções nas quais só a partir de um profundo trabalho historiográfico poderíamos elucidar melhor (o que, neste momento, não é possível). Todavia, desde o princípio da noção de *globalização*, com as expansões ultramarinas, o mercantilismo e a tomada do capital frente ao mundo, as relações humanas mudaram drasticamente. E, desta maneira, insere-se a noção de biopoder.

Foucault mesmo diz, inclusive, que o biopoder possibilitou o capitalismo. (FOUCAULT, 2015a, p. 151, 152) Ou, pelo menos, que é indispensável para o desenvolvimento de tal modelo econômico, por diversos fatores: “O biopoder foi um elemento indispensável para o desenvolvimento do capitalismo. Serviu para assegurar a inserção controlada dos corpos no aparato produtivo e para ajustar os fenômenos da população aos processos econômicos”.(CASTRO, 2009, p. 58).

Esta mudança de viés se deu em fases no pensamento de Foucault. Ele engendrou uma análise genealógica do mesmo, no que pese o tema inicial do *poder soberano*, passando para uma noção de *poder disciplinar* e, por fim, chegando ao *biopoder*. O primeiro já foi debatido. O segundo foi material de

estudos do filósofo, de meados de 70 até 75, quando foi pensado sob um papel de “mecanismo” e de uma “anatomia do corpo social”. Ora, julgar que o poder é anatômico condiz em dá-lo como *corretor* do corpo social, como algo que estabelece regras de “normalização”, de “subjetivação” e de “organização”. Já o biopoder fora uma espécie de afluente desta noção, isto é, não um rompimento, mas um “alargamento” conceitual: se o antigo molde operava diretamente sobre os indivíduos, através de determinados locais, como as instituições que Foucault tanto menciona no decorrer de suas obras e cursos (hospital, clínica psiquiátrica, quartel, escola, fábrica, etc.); o biopoder atuaria não apenas ao nível individual, mas retomando o corpo sob outra categoria: a do indivíduo biológico, ou seja, pensado como ser vivo, composto por tecidos vivos, irrigado por sangue, e constituído por um conjunto de órgãos vitais. Daí derivou-se uma categoria mais abrangente ainda: a biopolítica. Esta última é um alargamento, novamente, das últimas duas noções: atua sobre a “espécie humana”, por meio de mecanismos de “gestão da vida”, isto é, de controle de natalidade, mortalidade, saúde, longevidade, tendo como ponto de partida os mecanismos de regulação. (FOUCAULT, 2015a, p. 150).

No mais alto grau de aceção: falar sobre poder, hoje, significa dizer que o mesmo já não pode mais ser visto como uma coisa, como algo que se tenha em mãos, por ser fruto de uma série de ramificações, de veredas infinitas, arraigadas e lastreadas pelo corpo social. Ele é, assim, *capilare*, acima de tudo, série incontável de relações, onde ninguém o possui. Foucault chega a mencionar que o mesmo circula “em redes”, “em cadeia”. É como se o

poder interconectasse todos os que nele estão ao redor. (FOUCAULT, 2015d, p. 284).

Para finalizar este tópico, podemos lembrar que essa noção de *poder*, nos moldes em que Foucault a expressa, está também conjugada à verdade. O poder, segundo o mesmo e, em diversas de suas obras, exprime a verdade. Ou seja, fabrica o regime de verdade vigente, dando a ideia clara de que não existiria uma verdade fundacional das coisas, mas que elas seriam criadas de acordo com determinado momento e registro histórico, isto é, para lembrarmos, está de acordo com aquilo que Foucault chamou de *episteme*. (FOUCAULT, 1972, p. 231, 232). É uma pequena lição de teoria da história: a emergência de certos “regimes de verdade” ocorre não por um fundamentalismo conceitual, no sentido de uma “busca pela origem”, seja do homem ou do *ser*. Foucault rompe com esta ideia. Tanto é que, a própria noção de *biopoder* resultou de um sério processo de análise historiográfica, em que o francês modifica seu holofote teórico de acordo com seus novos olhares sobre os momentos aos quais se debruça. Lembrando que esta é uma herança “nietzscheana” no pensamento foucaultiano: a ideia de uma busca, não pela origem (*Ursprung*), mas da emergência (*Entstehung*) dos fatos. (FOUCAULT, 2015b, p. 55-87).

### **Por que pensar o biopoder?**

A resposta à essa pergunta pode ser dada através de diversos pontos. Elencaremos alguns: 1<sup>a</sup>- o tema e suas ressignificações; 2<sup>a</sup>- o tema e sua atualidade. Justificaremos, nesta passagem, a vitalidade de tais estudos com a

intenção de denotarmos a importância do entendimento do biopoder e da biopolítica em nossa atualidade mais recente.

A questão do biopoder, como já vimos, atua tanto sobre a vida quanto sobre a morte. Se possui tanto a capacidade de manter a vida, de afirmá-la, de torná-la mais sadia, de reduzir seus entraves como os de natalidade, de longevidade e etc.; também possui a capacidade de exterminá-la, assujeita-la e reduzi-la ao nada. Vamos pensar da seguinte maneira: hipoteticamente o biopoder pode ser positivo e negativo. Ou melhor, diríamos ainda que ele é “maleável”, que “transita” entre dois polos, ou que é, alegoricamente, como um “camaleão”: muda de cor e tonalidade de acordo com o que se exige, dada a necessidade interpretativa, no momento em que se averigua seus possíveis resultados.<sup>3</sup>

Concentrando-nos na eventual “afirmatividade” desse biopoder (e frisamos fortemente esse caráter hipotético) nos remeteremos ao que podem ser elencadas como finalidades positivas. Em primeira mão, deveríamos atentar para a afirmação da vida, adjunta aos processos de saúde. Mais precisamente, deveríamos nos voltar para a história da medicina, ou até para história da urbanização das cidades, como outrora fora feito por Foucault. No primeiro caso, para o melhoramento das técnicas com fins ao alargamento da vida e de sua qualidade; no segundo caso, para a organização do espaço com fins a que haja um melhor escoamento de bens e de mercadorias; para que

---

<sup>3</sup> Em minha dissertação de mestrado, defendida em agosto de 2019, desenvolvo esta noção “transitória” do *biopoder*. Penso, ainda, que o termo que Foucault utiliza, qual seja, o da “administração da vida”, enquadra semanticamente esta ideia de transitividade entre os polos negativo e positivo, presentes no biopoder. (Cf. FREITAS, 2019, p. 73-89)

também exista uma melhor circulação de ar, um melhor saneamento, etc.(FOUCAULT, 1994, p. 215-223).

Não à toa, estas são algumas das investidas historiográficas de Foucault. No caso da medicina, inclusive, o mesmo já a averiguava desde o início de sua vida como pesquisador, na década de 60. No entanto, em 70, quando ele estudara mais a fundo as diversas técnicas anatômicas de poder, o biopoder e a biopolítica, fora quando o mesmo apresentara um célebre estudo sobre o caráter social da medicina, dividido em três partes, consecutivamente: *Crise da medicina ou crise da antimedicina?*; a mais famosa: *O nascimento da medicina social*; e, por fim, *O nascimento do hospital*. A segunda conferência, por sinal, traz à tona, pela primeira vez, o termo *biopolítica*, no léxico foucaultiano. (FOUCAULT, 2015c, p. 144).

O grande trunfo que Foucault apresenta, a partir desses pequenos textos, é o de reafirmar que a medicina, apesar dos tempos de liberalização da economia – isto é, onde tudo é visto pelo holofote da concorrência e como produto voltado para o mercado – esteve, desde o século XVIII, quando de sua caracterização efetiva como ciência, inconfundivelmente atrelada a um caráter social; ou que a mesma nunca, ou quase nunca, fora inteiramente individual, isto é, que nunca esteve prezando apenas pela relação paciente/enfermidade/doutor/diagnóstico.

Na realidade, não se deve pensar que a medicina permaneceu até os nossos dias como uma atividade do tipo individual ou contratual entre o doente e o seu médico, apoiando apenas recentemente tarefas sociais. Ao contrário, gostaria de mostrar que a medicina, pelo menos depois do século XVIII, constitui uma atividade social. Em um sentido, a medicina social não existe, já

que toda medicina é social. Ela sempre foi uma prática social. O que não existe é a medicina não social, a medicina individualista, clínica, a da relação singular, que foi mais um mito com o qual se justificou e defendeu certa forma de prática da medicina: o exercício privado da profissão. (FOUCAULT, 1994, p. 43, 44, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Reiterando, estas intervenções médicas, no cotidiano dos indivíduos, atuam não só anatomicamente sobre o corpo social – estabelecendo relações de normalização dos indivíduos –, por meio de dispositivos como o do sexo, e, atuando politicamente, ou melhor, *biopoliticamente*; mas também sobre populações inteiras, através da espécie humana.

O lado negativo do biopoder, aquele relacionado à morte, tem sua sombra nos mecanismos da guerra e da raça, precisamente, o do racismo de Estado. Quando se pensa o biopoder sobre este holofote, os casos mais célebres são aqueles em que ocorreram, na história mais recente da humanidade, o extermínio massivo de populações, como, por exemplo, os de regimes totalitários como o nazismo e stalinismo.

Tanto em um, quanto em outro, conceitos como os de “espaço vital” ou “eugenia”, foram atribuídos e utilizados para dar força a um racismo

---

<sup>4</sup>En réalité, il ne faut pas penser que la médecine est demeurée jusqu'à nos jours une activité de type individuel ou contractuel entre le malade et son médecin, pour ne prendre en charge que récemment des tâches sociales. Au contraire, je voudrais montrer que la médecine, au moins depuis le XVIII<sup>e</sup> siècle, constitue une activité sociale. En un sens, la médecine sociale n'existe pas, puisque toute la médecine est sociale. La médecine a toujours été une pratique sociale. Ce qui n'existe pas, c'est la médecine non sociale, la médecine individualiste, clinique, celle du rapport singulier, qui fut plutôt un mythe avec lequel on a justifié et défendu une certaine forme de pratique sociale de la médecine, à savoir l'exercice privé de la profession.”

encrustado nas bases da formação do Estado moderno: não propriamente um racismo que tem a ver somente com questões fenotípicas, como a cor da pele, mas, no mais alto grau, um racismo que abrange tudo o que é diferente daquilo que é dado como “comum”, pela maioria. Nesse sentido, se deu o antissemitismo, no seio do nazismo, como também a obrigatoriedade de aderência ao regime soviético. (LEMKE, 2011, p. 12, 13).

Lembremos que, de modo algum, a mudança de foco entre poder soberano e biopoder representa rechaçar completamente a noção de soberania. Muito pelo contrário, ela continuará existindo por meio de instituições, em seu aparato jurídico-político, já que é através do mecanismo do direito que o poder soberano continua existindo. No entanto, o biopoder encontra tamanho espaço a ponto de se difundir mesmo onde há, mais fortemente, a presença do poder soberano. Acaba ocorrendo um excesso, não de poder soberano sobre o biopoder, mas de biopoder sobre o poder soberano. Isso se reflete quando a possibilidade:

[...] é técnica e politicamente dada ao homem, não só de organizar a vida, mas de fazer a vida proliferar, de fabricar algo vivo, de fabricar algo monstruoso, de fabricar – no limite – vírus incontroláveis e universalmente destruidores [...] Como um poder como este pode matar, se é verdade que se trata essencialmente de aumentar a vida de prolongar sua duração, de multiplicar suas possibilidades, de desviar seus acidentes, ou então de compensar suas deficiências? Como, nessas condições, é possível, para um poder político, matar, reclamar a morte, pedir a morte, mandar matar, dar a ordem de matar, expor à morte não só seus inimigos, mas mesmo seus próprios cidadãos? Como esse poder que tem essencialmente o objetivo de fazer viver pode deixar morrer? Como

exercer o poder da morte, como exercer a função da morte, num sistema político centrado no biopoder? É aí, creio eu, que intervém o racismo. (FOUCAULT, 2010, p. 213, 214).

Esses e outros exemplos são constantes e recorrentes na obra de Foucault. Foram expostos aqui apenas dois exemplos, o da medicina e o do racismo. No entanto, a recorrência posterior dos debates se proliferou com o decorrer de diversos avanços técnicos. Hoje já temos, por exemplo, as pesquisas neurocientíficas; as pesquisas para erradicação de males humanos que até pouco tempo eram tidos como incuráveis (como a AIDS); de melhoramento genético como o projeto GENOMA; as nanotecnologias; entre tantos outros vieses políticos, ou, biopolíticos, que afirmam a presença massiva do biopoder gerindo a vida. Temos também, infelizmente, a mesma potencialização de técnicas para guerra, destruição e extermínio: a Agente Laranja; a Bomba Atômica; a robótica; os *drones* de vigilância irrestrita e tempo de sobrevôo quase autônomo; etc. Todos instrumentos criados para alavancar esses sistemas de domínio e disputa entre nações, grupos ideológicos, ou, por ventura, indivíduos de mente perversa que tendem a comportamentos autoritários. Está apresentada a atualidade do biopoder. É um tema bastante recente e ainda muito desenvolvido por diversos e notórios pensadores. Alguns ainda vivos, como: Giorgio Agamben, Antonio Negri, Roberto Esposito, Achille Mbembe, Vanessa Lemm, Nikolas Rose, etc.

Para o próximo tomo, gostaríamos de analisar como o instrumental teórico de Michel Foucault nos permite esboçar análises preempatórias à realidade de nossa cidade, nos valendo, sobretudo, da questão do racismo e

do poder de matar. O tema da medicina social é fruto de outra discussão, que pode ser averiguada em nossa dissertação de mestrado, citada na nota de rodapé quatro deste pequeno texto.

### **Como a reflexão teórica do biopoder pode nos proporcionar uma melhor análise de mundo e, em específico, a de nossa cidade?**

Infelizmente, no contexto atual da cidade de Belém, capital do Estado do Pará, e como pesquisadores deste tema, parece-nos que apenas a faceta mais horrenda do biopoder – aquela ligada à morte e ao racismo – é a que prevalece, à revelia daquela em que há a afirmação da vida. Isto acontece por razões quase que óbvias, das quais podemos citar, primordialmente, a ausência do Estado em questões essenciais, como as das políticas públicas (claro que estas últimas existem, todavia, em qualidade muito aquém da esperada). Faremos questão de elucidar um pouco disso, utilizando-nos de pesquisas recentes, bem como de notícias de jornais.

Note-se, por exemplo, que

Belém é a décima cidade mais violenta do mundo. Um levantamento feito todos os anos pela ONG mexicana Seguridad, Justicia y Paz (Conselho Cidadão para a Segurança Pública e Justiça Penal), com sede no México, mostra que a violência na capital paraense disparou de forma assustadora: em 2016, o mesmo estudo posicionava Belém na 23ª posição, com taxa de 48,23 homicídios por 100 mil habitantes. Hoje, colocada entre as dez cidades mais violentas do mundo, essa taxa pulou para 71,38. (“Belém está entre as 10 cidades mais violentas do mundo”, 2018).

A violência em Belém é disseminada: tanto os ricos quanto os pobres estão expostos à ela. A diferença é que o primeiro grupo possui mais poder econômico para se revestir de mecanismos tecnológicos que lhes entregam a falsa sensação de segurança, enquanto o último grupo, quase que de maneira geral localizado em áreas carentes de políticas públicas, se tornam reféns diretos da violência urbana. Percebe-se, desta forma, que a “tipificação” do crime muda de acordo com as áreas estudadas, havendo, assim, diferenças entre os bairros ricos e pobres. (CHAGAS, 2014, p. 187, 188) A Região Metropolitana de Belém é, também, quase que toda formada por bairros onde há a extensa aglomeração subnormal, principalmente nos bairros do “Jurunas” e da “Pedreira”, como aponta o estudo de Chagas (2014, p. 194). A questão, então, da periferização na RMB, segundo aponta Chagas (2014), possui razões sócio-históricas que condizem com a chamada “modernização da fronteira”, ocorrida na década de 60, e sendo fulcral para o êxodo rural rumo à cidade grande, ocasionando a criação de uma massa de indivíduos socialmente não-assistidos.

Ainda seguindo por esta via, o Pará se configura como o Estado da região norte “com o maior número de homicídios de negros por mortes violentas”. Isso se confirma em um estudo feito pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), em que os resultados apontam a margem de 55,1 mortes de negros para cada 100 mil habitantes, contra 15,5 mortes de não negros. Sendo assim, nosso Estado ocupa “o quarto lugar no ranking da violência contra negros no Brasil”. (LABOISSIERE, 2013) A preponderância da violência contra os negros, no Estado do Pará, expõe, mais ainda, em um processo genealógico de ressignificação, aquilo que podemos entender por

racismo de Estado: neste caso, trata-se, é claro, de um racismo de cor de pele, excludente, que remonta às bases de nossa formação como país, desde nossa colonização. Esta última que fora executada seguindo modelos como e *plantation*<sup>5</sup>, isto é, que fez uso de mão-de-obra escrava/negra para a monocultura de exportação (inicialmente, a cana de açúcar fora um dos mais comuns), via latifúndios.<sup>6</sup>

Belém também é uma capital com forte incidência de grupos paralelos ao poder do Estado – as chamadas milícias – que atuam em diversos setores. Os tipos de milícias atuantes na Grande Belém são as de

**Transporte alternativo:** Acontece quando um grupo domina territorialmente um local e cobra taxas para que as pessoas exerçam o seu trabalho. No caso do transporte, são abordados mototaxistas e motoristas de vans. Segundo o delegado, caso a cobrança não seja paga, essas pessoas são expulsas do local ou mortas.  
**Contrabando:** Grupo de pessoas que são contratadas para fazer a segurança do transporte da carga contrabandeada pelos rios do estado. De acordo com o

---

<sup>5</sup> Sobre esta questão relacionada à biopolítica indicamos o breve ensaio do filósofo camaronense Achille Mbembe, *Necropolítica: biopoder, racismo, estado de exceção, política de morte* (2018).

<sup>6</sup> A respeito da questão da desigualdade racial no Brasil e de uma “dívida histórica”, o autor nos remonta ao pós 13 de maio de 1888, com a libertação dos escravos, por meio da Lei Aurea, assinada pela Princesa Isabel. A condição de cidadãos fora entregue como um fardo aos recém-libertos, já que não lhes propunha direitos de cidadania, os deixando, assim, à mercê de suas necessidades, bem como, na periferia social. Sobre os aspectos históricos destas afirmações, *ver*, por exemplo, as considerações elaboradas por Nicolau Svecenko, em *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes* (2018). Além disso, no nível local/regional, não poderíamos deixar de citar a magnífica obra de um de nossos historiadores de maior projeção nacional e internacional, Vicente Salles, em *O negro no Pará: sob o regime da escravidão* (1971), o qual denota os processos historiográficos da mão-de-obra escrava amazônica, em especial, no Pará.

delegado, as embarcações são levadas até o estado do Amapá, onde se encontram com navios internacionais. O delegado afirma que os barcos que não têm acordos com milicianos são roubados. Caso esse material seja colocado à venda no mercado, a milícia cobra juros sobre a mercadoria. **Segurança armada privada:** São grupos que ofertam segurança privada para alguns comerciantes, em troca de alguns valores especificados. Essas milícias identificam os estabelecimentos com uma placa ou adesivos. Caso ocorra algum tipo de atentado contra aquele local, o grupo toma uma iniciativa de punir os ofensores. Caso o estabelecimento opte por não fazer o acordo com a milícia, ele é assaltado. **Tráfico de drogas:** Devido à alta rentabilidade do tráfico de drogas, alguns grupos milicianos começaram a exigir taxas de alguns traficantes para que a venda continuasse a acontecer. Caso contrário, os traficantes são mortos ou expulsos da localidade. (SAUMA, SÓTER, MAIA, 2018).

A emergência das milícias no Brasil é um fenômeno relativamente jovem, que ocorre basicamente desde os anos 2000, tendo início no Rio de Janeiro. (CHEROBINO, 2011) Em Belém, elas seguem quase que pela mesma guia: as milícias atuam em comunidades carentes que quase não são, ou são muito pouco, assistidas pelo Estado e por *biopolíticas* públicas. A questão principal, meio a tudo isto, é que a emergência de “poderes paralelos” corriqueiramente condiz com o extremo uso da força para mantimento de uma “ordem” e o preenchimento das lacunas expostas pelo Estado que, nos limiares dos estudos foucaultianos, à primeira vista, pouco teria a ver com a noção de “normalização”, estipulada pelos diversos poderes disciplinares. Na verdade, retrocede: é um recrudescimento da força de matar e dispor da vida, comum na soberania. Todavia, se vasculharmos mais atentamente, possui um caráter biopolítico sutil: é, de certo modo, um estabelecimento de “ciclos

vitais”. As milícias se entranham nos micro locais, onde atuam falsamente criando a sensação de “imunidade” naquele local: “como uma resposta de proteção ante a um perigo”. (ESPOSITO, 2009, p. 9). Elas expurgam agentes nocivos (pequenos traficantes, delinquentes, etc.) de seu nicho; passam uma falsa impressão de segurança, chegando mesmo a ganhar a confiança dos moradores de uma comunidade; tudo isso está assentado sobre um viés: o do sangue e da força. O que haveria, então, em primeiro lugar, seria uma “normalização” que recrudesceria a força do cetro soberano: a força de matar, que se traduz em ditar quem vive e quem morre, ao mesmo tempo em que organiza, novamente, a vida. E, ao mesmo tempo, um estabelecimento de um ciclo vital, assim, provocando-nos à dicotomia conceitual: um biopoder que mata de maneira tão horrenda a ponto de resgatar o suplício soberano paralelo à disposição de um mecanismo de segurança, lá onde o Estado falha.

O que tudo isso tem em comum? Ora, o biopoder se torna preponderante para esta análise. Principalmente quando o assunto é o extermínio. Mesmo que sejam tomados por voz – para explicar certos aspectos dessas atitudes – palavras de ordem como “era bandido, tem que morrer”, ou, o famoso ditado “o crime leva a isso”, a grande questão deficitária por trás destes discursos é que, no fundo, quem morre, hoje, na sociedade brasileira – e, em especial na belenense –, é quem está mal assistido pelo Estado, quem não teve acesso à educação de qualidade e, geralmente, quem é oriundo de locais muito pobres e simples (no caso de Belém, as periferias, “aglomerados de exclusão” onde as pessoas que lá vivem estão

expostas à instabilidade, à insegurança e à miséria.<sup>7</sup> Em resumo, são pessoas que, de alguma forma, não chegam sequer perto de políticas, ou “biopolíticas afirmativas”, se nos for permitido levar em conta que esta gerência da vida, por parte do biopoder, às vezes, estimula os cálculos vitais “para mais”.

Parece-nos que de alguma maneira o biopoder, nos Estados-nação em que ele, há muito tempo, se desenvolveu, chegou em um nível quase que “ótimo”, pois funciona de maneira “lisa”, ou seja, sem atritos, interrupções e atravancamentos, em certas localidades. Como por exemplo, na Alemanha, onde se seu filho não vai à escola por alguns dias, é enviado um policial à sua casa, a fim de saber e questionar a razão desta não ida da criança à escola. É de fato uma questão humanitária que está em jogo, nesses entremeios? Pode ser, mas até certo ponto. O discurso freia quando, na realidade, o que se observa é que há um jogo de interesses em que o melhoramento do funcionamento econômico do capital deve ser potencializado.

Todavia, por razões da formação histórica de nosso país, bem como, levando em conta a própria história de nosso Estado, estes mecanismos de “afirmatividade” do biopoder ainda estão aquém do que se espera, como na questão da educação, do saneamento básico e da saúde, ou, onde ele é quase que totalmente ausente, a ponto de ser necessário subvertê-lo “de dentro para fora” (como no caso da criação de milícias), se pensarmos o tema da segurança pública.

Nossa análise final é a de que, em alguns pontos, os mecanismos de biopolítica e biopoder, de fato, incidem e emergem, mesmo que ainda

---

<sup>7</sup> Sobre estas afirmações, *ver*, por exemplo, o artigo de Couto (2012, p. 2-12)

precariamente. Entretanto, é como uma “corda-bamba”. Pensemos, por exemplo, em iniciativas como o PSF (Programa Saúde da Família), do Governo Federal, que o estende para todos os Estados. É um programa que se trata, literalmente, da ida da medicina pública e preventiva até onde a população mais carente vive e necessita de assistência. Além do mais, em 1990, foram criadas diversas leis que regulamentavam os cuidados com a saúde, como a “Lei Orgânica da Saúde”, 8.080/90, que estipula que a questão presente não deve ser só e somente “ausência de doenças” mas, um conjunto de fatores como a boa alimentação, moradia, saneamento básico, meio ambiente, trabalho, lazer, etc.; e, também, a Lei 8.142/90, que regula a participação da comunidade na gerência do SUS, por meio de reuniões em conferências dos Conselhos de Saúde. (ROSA& LABATE, p. 1030) A malha que compõe, inscreve e denota, o biopoder e a biopolítica, age dentro do próprio poder soberano, por meio de seus mecanismos legais, políticos, jurídico-discursivos.

Todavia, em outros casos, tende-se a percebê-lo mais voltado ao lado negativo, ou seja, para o extermínio do diferente e menos favorecido, que de alguma maneira não está assistido pela afirmatividade biopolítica, ou melhor, por aquilo que deveria fazer a vida ser saudável e estendê-la. É como diria Agamben, uma “tanatopolítica”, por se tratar de uma política de morte. Mas, gostaríamos mesmo de enfatizar que, meio a tantos matizes, este biopoder, em certa medida, se torna um “necropoder”, em nossa cidade, ao modo como Achille Mbembe estabelece. Está totalmente ligado à violência entre aqueles que são “excluídos” do “todo social”, precisamente, serve ao supliciamiento do corpo negro.

[...] propus a noção de necropolítica e de necropoder para dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, as armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar “mundos de morte”, formas únicas e novas de existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de “mortos-vivos”. (MBEMBE, 2018).

Enfim, esperamos que esta discussão tenha sido instrutiva para a elucidação deste instrumento teórico, o qual diagnostica nosso cotidiano e que, infelizmente, na nossa linda cidade, ao nosso ver, teve sua manifestação quase que somente por meio da funesta mecânica da morte.

## Referências

BERT, J.-F. **Pensar com Michel Foucault**. São Paulo: Parábola, 2013.

CASTRO, E. **Vocabulário de Michel Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHAGAS, Clay A. Nunes. "Geografia, segurança pública e a cartografia dos homicídios na região metropolitana de Belém". In. **Boletim Amazônico de Geografia**, Belém, n. 1, v. 01, p. 186-204, jan./jun. 2014. DOI: 10.17552/2358-7040/bag.n1v1p186-203

COUTO, Aiala Colares de O. "Do Global ao Local: a geografia do narcotráfico na periferia de Belém". In. **Cadernos de Segurança Pública**; ano 4, nº 03, Maio/2012. Disponível em: <http://www.isprevista.rj.gov.br/download/Rev20120303.pdf>

ESPOSITO, R. **Immunitas. Protección y negación de la vida**. Tradução de Luciano Padilla López. 1ª. ed. Buenos Aires/Madrid: Amarrortu editores, 2009.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Filipe B. Neves. Petrópolis/Lisboa: Vozes/Centro do Livro Brasileiro, 1972.

\_\_\_\_\_. **Surveiller et punir: naissance de la prison**. Paris: Éditions Gallimard, 1975.

\_\_\_\_\_. **Dits et Écrits. v. III**. Paris: Gallimard, 1994.

\_\_\_\_\_. **Il faut défendre la société: cours au Collège de France (1975-1976)**. Paris: Gallimard/Seuil, v. Hautes Études, 1997.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2ª. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 41ª. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber**. 2ª. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2015a.

\_\_\_\_\_. "Nietzsche, a genealogia e a história." In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015b. Roberto Machado (org.).

\_\_\_\_\_. "O nascimento da medicina social". In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015c. Roberto Machado (org.).

\_\_\_\_\_. "Soberania e Disciplina". In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015d. Roberto Machado (org.).

\_\_\_\_\_. "Sobre a história da sexualidade". In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015e. Roberto Machado (org.).

FREITAS, Felipe Sampaio de. **Biopolítica em Michel Foucault**: da individualização do sujeito à governamentalidade da população. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019; DOI: 10.13140/RG.2.2.21995.08480

GROS, F. **Michel Foucault**: Que sais-je? 5ª. ed. Paris: Presses Universitaires de France/Humensis. 2017.

LEMKE, T. **Biopolitics**: an advanced introduction. Tradução de Eric F. Trump. New York and London: New York University Press, 2011.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, racismo, estado de exceção, política de morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

ROSA. Walisete de A. Godinho, & LABATE. Renata Curi, “Programa Saúde da Família: a construção de um novo modelo de assistência” in **Rev Latino-Am Enfermagem**, nov/dez, 2005; 13(6):1027-34, p: 1030. Acessível em: [www.eerp.usp.br/rlae](http://www.eerp.usp.br/rlae).

SABOT, P. "Ouverture: Critique, attitude critique, résistance." In: SABOT, P.; JOLLY, É.; (Dir.) **Michel Foucault à l'épreuve du pouvoir**: vie, sujet, résistance. France, Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2013.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará**: sob o regime da escravidão. RJ: Fundação Getúlio Vargas, Serv. de Publicações da UFPA. 1971.

SVECENKO. Nicolau. **A revolta da vacina**: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Editora UNESP Digital. 2018.

## Notícias

“Belém está entre as 10 cidades mais violentas do mundo.” In: **DOL**, 08/03/2018. Link: [www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-492071-b-lem-esta-entre-as-10-cidades-mais-violentas-do-mundo.html](http://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-492071-b-lem-esta-entre-as-10-cidades-mais-violentas-do-mundo.html)

LABOISSIERE, Luana. "Pará lidera número de mortes de negros na região Norte, diz Iepa". In: **g1.globo.com**, 20/11/2013; Link: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/11/para-lidera-numero-de-mortes-de-negros-na-regiao-norte-diz-ipea.html>

SAUMA, Jorge; SÓTER, Gil; MAIA, Caio. "Milícias no Pará atuam em transporte alternativo, contrabando, segurança privadas e tráfico, diz delegado" In: **g1.globo.com**, 28/06/2018. Link: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/milicias-no-para-atuam-em-transporte-alternativo-contrabando-seguranca-privada-e-traffic-diz-delegado.ghtml>

CHEROBINO, Vinicius. "As milícias de verdade." In: **Super Interessante**. 22/03/2011. Link: <https://super.abril.com.br/comportamento/as-milicias-de-verdade/>